

Perfil do jornalista na Região Tocantina: a construção da identidade profissional no sul do Maranhão

Tocantina Region: the construction of professional identity in the south of Maranhão

Perfil del periodista en la región de Tocantina: la construcción de la identidad profesional en el sur de Maranhão

Marcelli Alves da Silva¹

Thaís Cristina Bueno²

Thaynara Leite Freitas Carneiro³

Resumo: Esta pesquisa se propõe a investigar sobre a identidade, rotina e percepções dos jornalistas da segunda maior cidade do Maranhão, Imperatriz. O objetivo é traçar um panorama que identifique a satisfação desses profissionais com a área em que atuam, bem como conhecer as particularidades que marcam o modo como se enxergam os jornalistas graduados em Comunicação Social que atuam em veículos jornalísticos ou instituições com assessoria. Metodologicamente o estudo adota o método misto, com uma etapa quantitativa e outra qualitativa. Um levantamento exploratório buscou mapear os jornalistas e os veículos da cidade. O estudo mostra que em Imperatriz há dois jornais impressos, duas revistas jornalísticas, seis emissoras com telejornais e seis assessorias de comunicação. Para dar conta desses objetivos, esta pesquisa selecionou cinco jornalistas que atuam em veículos distintos: jornal impresso, telejornal e assessoria de imprensa. Os resultados apontam que mesmo satisfeitos com a profissão escolhida, os jornalistas estão descontentes com alguns problemas enfrentados por eles em relação à área, como a baixa remuneração, a falta de sindicalização e representatividade, machismo, a desarticulação da classe, o acúmulo de funções e a presença dos interesses políticos. Fica compreendido que a formação acadêmica e os conhecimentos adquiridos durante a formação, através dos seus professores e pelas disciplinas, influenciaram e moldaram a forma como esses ex-alunos veem o mercado da comunicação de Imperatriz. Há mais o pensamento e o intuito de agregar maior conhecimento e valor à classe do que o de desistência ou crise diante dessa problemática.

Palavras-chave: Identidade. Profissão. Jornalista. Imperatriz (MA).

Abstract: This research aims to investigate the identity, routine and perceptions of journalists in the second largest city in Maranhão, Imperatriz. The objective is to draw a panorama that identifies the satisfaction of these professionals with the area in which they work, as well as to know the particularities that mark the way in which journalists graduated in Social Communication who work in journalistic vehicles or institutions with assistance are seen. Methodologically the study adopts the mixed method,

¹ Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: alves.marcelli@yahoo.com.br.

² Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: thaisabu@gmail.com.

³ Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: tataleite10@gmail.com.

with a quantitative and a qualitative step. An exploratory survey sought to map journalists and vehicles in the city. The study shows that in Imperatriz there are two printed newspapers, two journalistic magazines, six broadcasters with news programs and six communications advisors. In order to achieve these objectives, this research selected five journalists who work in different vehicles: printed newspaper, television news and press office. The results show that, even though they are satisfied with the chosen profession, journalists are unhappy with some problems they face in relation to the area, such as low remuneration, lack of unionization and representation, machismo, class disarticulation, accumulation of functions and the presence of political interests. It is understood that the academic training and the knowledge acquired during training, through their teachers and by the disciplines, influenced and shaped the way these former students see the communication market in Imperatriz. There is more thinking and the intention of adding greater knowledge and value to the class than giving up or crisis in the face of this problem.

Keywords: Identity. Profession. Journalist. Imperatriz (MA).

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo investigar la identidad, la rutina y las percepciones de los periodistas en la segunda ciudad más grande de Maranhão, Imperatriz. El objetivo es trazar un panorama que identifique la satisfacción de estos profesionales con el área en la que se desempeñan, así como conocer las particularidades que marcan la forma en que se encuentran los periodistas egresados en Comunicación Social que laboran en vehículos o instituciones periodísticas con asistencia. visto. Metodológicamente el estudio adopta el método mixto, con un paso cuantitativo y otro cualitativo. Una encuesta exploratoria buscó mapear a periodistas y vehículos en la ciudad. El estudio muestra que en Imperatriz hay dos periódicos impresos, dos revistas periodísticas, seis emisoras con programas informativos y seis asesores de comunicación. Para lograr estos objetivos, esta investigación seleccionó a cinco periodistas que trabajan en diferentes vehículos: periódico impreso, telediario y gabinete de prensa. Los resultados muestran que incluso si están satisfechos con la profesión elegida, los periodistas están descontentos con algunos problemas que enfrentan en relación con el área, como la baja remuneración, la falta de sindicalización y representación, el machismo, la desarticulación de clases, la acumulación de funciones y la presencia de intereses políticos. Se entiende que la formación académica y los conocimientos adquiridos durante la formación, a través de sus docentes y por las disciplinas, influyeron y moldearon la forma en que estos exalumnos ven el mercado de la comunicación en Imperatriz. Hay más pensamiento y la intención de agregar mayor conocimiento y valor a la clase que rendirse o crisis ante este problema.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Corrêa e Pessoni (2021), a era da informação toma vulto diário e os avanços tecnológicos impactaram da produção ao consumo de notícias. A reconfiguração do mercado de trabalho em vários níveis, o fim da obrigatoriedade do diploma desde 2009, a interiorização do ensino superior e a ampliação dos programas de pós-graduação na área da Comunicação nos últimos anos, são indícios de que ser Jornalista hoje é diferente do que se imaginava há pelo menos dez anos. Por isso, a existência de pesquisas científicas na tentativa de entender o perfil e a identidade dos jornalistas atuais é tão importante. Neste sentido, este material se propõe a contribuir para conhecer mais sobre quem são os profissionais jornalistas que atuam em Imperatriz (MA).

Para isso, optou-se por selecionar sete jornalistas formados no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que atuam em redações de veículos de comunicação e as assessorias. Participaram os integrantes dos veículos Correio Popular (jornal impresso), TV Mirante e TV Difusora; e as assessorias do grupo Canal (uma das mais antigas da cidade), da Câmara de Imperatriz e do Governo do Maranhão. Os veículos foram escolhidos com base na atuação dos jornalistas, tendo como foco redações ou assessorias com mais jornalistas⁴.

Do ponto de vista teórico e metodológico, o estudo parte do viés que trata de identidade profissional do Interacionismo Simbólico, que entende a identidade da profissão como resultado de um processo construído pelas influências do campo social, cultural e tecnológico, mais que um mero desempenho de atividades (DUBAR 1999), e teve como base o método quantitativo. A investigação dividiu-se em duas etapas, a primeira exploratória, por meio do levantamento dos principais veículos de comunicação e empresas de assessoria em Imperatriz, bem como dos jornalistas formados que atuavam nestes espaços; Em seguida, uma qualitativa, por meio de entrevistas com os profissionais selecionados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O QUE É SER JORNALISTA?

Conforme Traquina (2005), foi no século XIX que o jornalismo deu seus primeiros passos para a formação de uma identidade profissional. Segundo o autor, um processo impactado por quatro acontecimentos: o surgimento da imprensa, que estreou o campo de atuação; a criação de empregos destinados a fornecer informações, quando se começa a moldar a prática de quem atua na área; a mercantilização da notícia, que influenciou diretamente no modo como o profissional passa a se relacionar com a sua rotina; e a profissionalização do jornalista, com a organização em categorias, com direitos e deveres.

⁴ Importante ressaltar que este estudo fez parte das investigações conduzidas pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura (GCiber). O levantamento iniciou-se em 2018 e teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema), por meio de bolsa de Iniciação Científica (Pibic). A pesquisa também contou com apoio do estudante de jornalismo e integrante do grupo, Matheus Lopes, durante a fase da coleta de dados.

Entender o perfil profissional do jornalista implica, também, conhecer o próprio termo que identifica esse agente. O vocábulo “jornalista” vem da palavra francesa “*journaliste*” e como detalha Adghirni (2005) é resultado da junção das expressões “*jour*”, que se traduz como “dia”, com “*analiste*”, quer dizer “analista”, ou seja, analista de um dia, numa tradução livre⁵. Ardghirni (2005) conta que a palavra repórter foi utilizada pela primeira vez no século XIX pela imprensa americana e inglesa, popularizando-se em 1860 nos Estados Unidos. Por lá, o uso dos termos repórter, editor (redator) correspondente (correspondente), *pressman* (jornalista) e outros *stringer* (ou *free-lancers*) ou *columnist* (colunista) se consolidaram de forma progressiva ao longo do século XIX. Como em outros países, estas definições se utilizam segundo as diferentes mídias impressas ou audiovisuais (ADGHIRNI, 2005, p. 48).

Nos Estados Unidos, o uso dos termos repórter, editor (redator) correspondente (correspondente), *pressman*(jornalista) e outros *stringer* (ou *free-lancers*) ou *columnist* (colunista) se consolidaram de forma progressiva ao longo do século XIX. Como em outros países, estas definições se utilizam segundo as diferentes mídias impressas ou audiovisuais. (ADGHIRNI, 2005, p. 48).

Com denominações distintas recorreremos a Traquina (2005, p. 40), que acredita, para além da distinção linguística, que para ser jornalista, é necessário “uma competência profissional específica”, que na avaliação do autor pode ser resumida como a habilidade de produzir notícias. Na atualidade uma discussão crescente é, inclusive, que o jornalista seja alguém que precisa dominar tecnologia de programação, design de interfaces e aplicativos (SCHWINGEL, 2015).

A função como marca primordial de uma profissão, inclusive, foi uma perspectiva que por muito tempo deu conta das discussões sobre a identidade de uma classe profissional. Um dos paradigmas mais populares até 1960 e que dominou boa parte das discussões sobre profissões de maneira geral foi o funcionalismo (FIDALGO, 2006). Conforme o autor, com forte influência do sociólogo Emile Durkheim, esse modo de ver o trabalho entende que cada profissão é marcada por uma série de atributos e tarefas a serem executadas.

⁵ Um prenúncio do que depois Traquina (2005) vai descrever como uma habilidade que marca a profissão: saber lidar com as pressões do tempo. Na atualidade, sabe-se que bem mais que “um dia”, a temporalidade da imprensa tem sofrido mudanças significativas que deixam esse padrão de tempo lento, se pensamos em sites com cobertura em tempo real, por exemplo, uma prática comum nos anos 2000, quando o jornalismo na internet começava a se estabelecer (BUENO, 2015).

A especialização de serviços que permitam satisfazer uma clientela, a criação de associações profissionais que protejam este grupo da invasão de pessoas não qualificadas e que fixem códigos de ética para os qualificados, e o estabelecimento de uma formação específica, baseada num corpo teórico e num conjunto de técnicas, permitindo a aquisição e o desenvolvimento de uma cultura profissional própria. (FIDALGO, 2006, p. 20).

Trazendo tal perspectiva para o caso do jornalista, entende-se o profissional como detentor das habilidades técnicas da área e possuidor de conhecimento para atuar na “produção do noticiário, como repórter, colunista, editor, fotógrafo, diagramador [...]”, (PEREIRA, 2008, p. 17).

Outro ponto ressaltado na construção da identidade profissional é a regulamentação da área. De acordo com Traquina (2004, p. 81), o processo de legitimação e de reconhecimento do campo profissional do jornalismo e de certo modo na construção da sua identidade, passa, necessariamente, pela formação de associações e sindicatos a partir do século XIX, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Esse processo envolveu, ainda, o estabelecimento de cursos superiores, de códigos de ética e de outros instrumentos legais que vão regular a atividade profissional dos jornalistas.

Estudo realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2012 concluiu que apesar do grande número de universidades e cursos superiores de Comunicação Social no país, ainda há indivíduos que se auto definem jornalistas – um em cada dez jornalistas – por atuarem como comunicadores, mesmo sem possuírem a formação acadêmica. Isso acontece substancialmente por conta da regulamentação do Decreto-Lei 972/69, de 2009, no qual o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu a obrigatoriedade do diploma do jornalista.

Isto resulta, segundo Ruellan (2004), na perda de autoridade dos jornalistas que são formados. Isso porque com essa deliberação judicial os anos em faculdade de Jornalismo passam a ser desvalorizados, já que seu diploma de conclusão de curso não possui sustentação diante à Constituição Federal. Sem esse reconhecimento, um dos instrumentos de licença ou reconhecimento profissional atualmente utilizado pela categoria jornalística brasileira, é a carteira nacional de jornalista. Prevista pela lei n.º 7.084, de 21.12.82, a carteira nacional de jornalista é documento de identidade pessoal e profissional, válido em todo o território nacional e só poderá obtê-lo o jornalista que tenha registro profissional no Ministério do Trabalho e Emprego (FENAJ, 2019, *online*). Esta carteira é essencial, neste momento em que não é mais obrigatório o diploma de jornalista, para exercer a profissão.

A sindicalização é uma maneira do jornalista participar de forma efetiva nas questões e acontecimentos que tangem a área da comunicação. De acordo com o Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SJPDF, 2017, *online*), “os sindicatos são os legítimos representantes dos trabalhadores junto aos empregadores e sindicalizar-se significa participar de ações que valorizam o ofício de cada trabalhador”.

Ao exercer a profissão, já licenciado e com a carteira de jornalista, o jornalista ainda deve seguir regras de conduta, a principal é “O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros” aprovado pelo Congresso Nacional dos Jornalistas Profissionais. O documento concedido pela Fenaj “fixa as normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação e entre jornalistas” (FENAJ, 2019, *online*).

2.2 OUTROS FATORES QUE AJUDAM A CONSTRUIR A IDENTIDADE

De fato, não se pode negar que todos esses fatores incidem na identidade do profissional. No entanto, como pondera Pereira (2008), a execução desses papéis no mercado de trabalho é o resultado da soma ou combinação dos variados conhecimentos adquiridos na academia, mas também influenciados por questões sociais, econômicas, políticas e culturais distintas. Ou seja, ser jornalista é exercer certas funções, dominar certas habilidades, mas é também um modo de se portar no mundo. Traquina (2005) corrobora esse entendimento ao afirmar que jornalistas possuem uma maneira de agir, uma maneira de falar, uma maneira de ver que está associada a uma construção de identidade própria e que remonta à história da profissão no âmbito social, cultural e políticos. Portanto se modifica com o passar do tempo, das condições e particularidades de cada local.

De acordo com Traquina (2005), com o crescimento da mídia de massa, nasceram valores interligados ao jornalismo, como busca pela verdade, independência profissional e a ideia de serviço público. Marcas que por fim acabaram por construir também o *ethos* da profissão.

O jornalismo e o jornalista ocupam um lugar preponderante na história do século XX, a tal ponto que alguns sociólogos (Neveu, Ruellan, Palmer) falam de uma “mitologia do jornalismo”. Heróis e rebeldes, nas trincheiras de guerra, como correspondentes ou como repórteres investigativos nos bastidores do poder ou ainda como colunistas de grife lidando com informações privilegiadas, jornalistas invadiram e ocuparam espaço privilegiado na sociedade. (ADGHIRNI, 2005 p. 46).

Para Traquina (2005 p.36), a resposta à pergunta: o que é ser jornalista? “[...] parte de toda uma cultura constituída por uma constelação de crenças, mitos, valores, símbolos e representações [...]”. Para o autor, “A vasta cultura profissional dos jornalistas fornece um modo de ser ou estar, um modo de agir, um modo de falar, e um modo de ver o mundo”. Ao tratar do tema Adghirni (2005) defende que esse *ethos* tem se modificado. Como defende, com o passar dos anos, mas ainda no século XIX, a “mitologia do jornalismo” e a visão do jornalista como um herói é tomada pela mercantilização da informação. “[...] o jornalismo romântico e boêmio, que marcou os primórdios da imprensa no Brasil, passando pelo jornalismo militante e libertário, estão definitivamente mortos e enterrados” (ADGHIRNI, 2005, p. 46).

Em entrevista publicada na revista Observatório em 2016, ao avaliar os jovens jornalistas, Leandro Marshall pondera:

Os jovens jornalistas são produtivistas, produzem notícias e distribuem. Veja que as empresas jornalísticas eram, nos anos 60 e 70, sempre conservadoras; e os jornalistas sempre eram progressistas e revolucionários. As empresas pensavam no lucro e os jornalistas pensavam na revolução, pesavam em transformar o mundo. Hoje, as empresas pensam no lucro e os jornalistas, das grandes empresas ou das novas mídias, pensam nos *pageviews* (BUENO E TORRES, 2017, p. 530).

Ou seja, ser jornalista é também fazer parte do que Traquina (2005) denominou “comunidade interpretativa”, e essa ideia é compartilhada pelo grupo, pela sociedade e se modifica com o passar do tempo, influenciado pelas condições históricas, sociais e geográficas. Esse entendimento é a perspectiva interacionista, corrente que entende que “a divisão de trabalho resulta de interações e processos de construção social”, cada profissão tem o seu “processo de definição, autonomização e valorização” (FIDALGO 2006, p. 23-24) e ajuda a construir a base teórica deste trabalho.

Figura 1 - Construção da identidade dos jornalistas



Fonte: As Autoras (2020)

Esses pontos de certo modo guiaram a construção do roteiro de entrevistas para traçar o perfil do jornalista de Imperatriz.

2.3 IMPERATRIZ E O JORNALISMO

Imperatriz, é o segundo maior centro político, cultural e populacional do Estado do Maranhão. A cidade conta com 26 faculdades particulares e três instituições de ensino superior públicas – Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul) e o Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Destas, só a UFMA oferece o curso de Comunicação Social – Jornalismo, que formou a primeira turma em 2010. A inauguração do curso é importante para o jornalismo local, particularmente por se tratar do único curso do Maranhão no interior, os demais estão na Capital.

Atualmente na cidade, de acordo com Letícia Holanda de Sousa (2018), estão em atuação 127 veículos, entre eles dois impressos⁶, 64 sites, seis emissoras com telejornais, sete rádios com programas jornalísticos, duas revistas jornalísticas e cinco empresas com departamento de assessoria. No que se refere ao jornalismo de revista, o município possui nove títulos em circulação: revista Linda Glamour, Estrelas, Motivação, Mega, Inovação, Agora, Interespaço, Saber e Leia Mais. As revistas Inovação, Interespaço tem os títulos voltados para o jornalismo científico, como a Inovação, Interespaço e Saber, ou seja, revistas que divulgam as atividades das universidades e as pesquisas científicas do município (SOUSA, 2018).

⁶ Desde 02 de agosto de 2019, Imperatriz passou a contar com apenas um jornal impresso, o jornal Progresso. Segundo um comunicado feito via transmissão WhatsApp, informando “O Jornal Correio está passando por algumas reformulações, ponta disso deixaremos de produzir momentaneamente o nosso PDF diário”, assim o trabalho continua apenas pelo site: www.correioma.com.br.

A respeito dos telejornais, dentre as emissoras, A TV Mirante, conta com três programas jornalísticos, o “JMTV 1ª edição”, “JMTV 2ª edição”, e o “Globo Esporte”, programa voltado para notícias de esporte de Imperatriz e da Região Tocantina. A TV Difusora Sul, traz três programas jornalísticos: o “Bandeira 2”, o “Na Hora D” e o “Jornal da Difusora”. De acordo com Araújo (2017), na cidade há cinco principais empresas privadas que possuem assessorias, a do Imperial Shopping, Tocantins Shopping, Cemar (Companhia Energética do Maranhão), Suzano e a Palavra Comunicação.

Segundo a pesquisa de Silva (2017, p. 63-70), que buscou traçar o perfil dos egressos no curso de Comunicação Social - Jornalismo, os formados são em sua maioria naturais do Maranhão, mulheres, jovens entre 21 e 30 anos, pardos e solteiros. No mercado de trabalho eles recebem em média dois salários mínimos e a maioria continua residindo em Imperatriz.

3 MÉTODO

Para dar conta dos objetivos desta pesquisa o estudo valeu-se de duas etapas: uma exploratória (quantitativa), a fim de traçar um panorama do universo a ser pesquisado e definir o recorte da pesquisa; e uma segunda analítica (qualitativa), com a aproximação efetiva dos pesquisadores com os sujeitos da investigação.

4 RESULTADOS

4.1 ETAPA EXPLORATÓRIA

Para definir os agentes do estudo, foram contatados os principais veículos de comunicação da cidade: TV Mirante, TV Difusora, Correio Popular, O Progresso, Canal Grupo de Comunicação, assim como as instituições públicas que contam com assessores da comunicação: Câmara de Imperatriz, Prefeitura de Imperatriz e Governo do Maranhão. A cidade não possui sites de notícias e as rádios não têm programação jornalística, por isso, o foco foram as televisões, jornais impressos e entidades que tinham assessores de imprensa. Nesses espaços foram contabilizados 33 jornalistas empregados.

A etapa seguinte consistiu no envio a todos esses profissionais, nos seus respectivos e-mails, um formulário⁷ on-line como prerrogativa de identificar quais possuíam graduação em jornalismo. Como o intuito é investigar apenas os jornalistas graduados em Comunicação Social

⁷ O formulário foi desenvolvido para atender duas pesquisas que estudam os jornalistas de Imperatriz, (esta) pelo prisma do perfil, enquanto a outra sobre o uso do WhatsApp na rotina produtiva, ambas integradas ao Grupo de Pesquisa em Cibercultura e Estudos da Comunicação (G-CIBER) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

com habilitação em Jornalismo, o número caiu para 21 profissionais. Destes, foram selecionados sete jornalistas que trabalham em empresas públicas e privadas que possuem maior evidência na cidade, distribuídas na área de impresso, televisão e assessoria. O processo de levantamento exploratório, aplicação do formulário on-line e definição do recorte prolongou-se entre os meses de dezembro (2018) e fevereiro (2019). A fim de preservar as fontes da pesquisa, os nomes dos jornalistas foram substituídos pela categoria “jornalista” e numerados na sequência.

Tabela 1 - Os agentes do estudo

Nome	Veículo	Ano de formação	Tempo de duração na empresa (ano)
Jornalista 1	Correio Popular	2016	1 ano e 9 meses
Jornalista 2	TV Mirante	2010	6 anos
Jornalista 3	Canal Grupo/ assessoria Privada	2017	1 e 6 meses
Jornalista 4	Câmara de Imperatriz	2016	1 ano e 3 meses
Jornalista 5	Governo do Maranhão	2015	2 anos
Jornalista 6	TV Difusora	2013	5 anos
Jornalista 7	TV Mirante	2016	14 anos

Fonte: As Autoras (2019)

A escolha pelo sigilo das fontes foi discutida com os entrevistados e seguiu as orientações de Rosa e Arnoldi, (2006), que orientam os pesquisadores a indagar os agentes da pesquisa sobre a necessidade ou desejo de anonimato.

4.2 ETAPA QUALITATIVA

Este estudo se organizou em quatro eixos:

- 1) Influências e escolha da profissão: este eixo teve como propósito elencar quais são as principais influências (familiar, religiosa, escolar, financeira) que permeiam a escolha da profissão de jornalista.

- 2) Visão sobre sua formação: este eixo busca compreender como o jornalista observa e compreende a sua formação em jornalismo e os conhecimentos adquiridos ao adentrar no mercado de trabalho.
- 3) Organização da carreira: o intuito deste tópico é saber como o jornalista organiza sua carreira, se pretende ou já faz parte de programas de pós-graduação.
- 4) Satisfação com a carreira: este eixo explica qual o grau de satisfação dos jornalistas com a carreira. As entrevistas foram realizadas pessoalmente entre março e setembro de 2019.

5. ANÁLISES

5.1 INFLUÊNCIAS E ESCOLHA DA PROFISSÃO

Experiências anteriores em grupos como igrejas ou agremiações foram as justificativas mais corriqueiras nas falas dos entrevistados sobre o que os influenciou a tentar o curso de Jornalismo. Outra razão, foi o desejo de ter um curso superior na Comunicação, em particular por entender que tem “*feeling* ou perfil” para isso. A primeira mostra o quanto as experiências pessoais e a oportunidade de vivenciar práticas da comunicação instigam os jovens a buscar o conhecimento na área; A segunda mostra um entendimento do senso comum que a comunicação seria uma espécie de dom ou talento a ser explorado.

A produção de jornais durante o ensino fundamental foi algo vivenciado pelos jornalistas 3 e 5.

Eu já nasci com o *feeling* de jornalista. No ensino fundamental, durante a sexta série, fiz parte de um jornal e a ideia do jornal era basicamente porque a gente se sentia prejudicado com o que acontecia na escola. Eu estudava no Nascimento de Moraes, aquela época em que tiveram as grandes greves, diante disso fundamos o jornal que se chamava ‘Língua Solta’. Nós fazíamos vários espaços: tradição, música, signo e o espaço que era chamado “bronca do aluno”. Este último, era o espaço no qual os alunos tinham pra poder mostrar a indignação com aquilo que não estava funcionando. A nossa ideia inicial foi especular por que com o laboratório de informática montado e com professor, só tínhamos acesso uma vez na semana. (JORNALISTA 5, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Essa produção de jornal nas escolas, resume na prática a função dos deveres da escolarização. Segundo Young (2007, p. 1297), a escola deve possuir uma forte estrutura curricular no intuito de promover um conhecimento “poderoso” e, dessa forma, incentivar o aluno a seguir uma carreira acadêmica e profissional. Até o momento, entende-se que a escolha

do curso não ocorreu de forma instantânea, e sim, resultada pelas interações sociais e pelos processos de construções sociais, como é defendido pela perspectiva interacionista. Logo, a igreja e escola foram “espaços produtores desses recursos, valores morais e identitários, por excelência extensões formadoras da consciência, matrizes socializadoras responsáveis por um conjunto de experiências, disposições e práticas de cultura.” (SETTON, 2008, p. 1408). Sobre o papel da igreja, a Jornalista 1 ressalta:

Sou católica até hoje, não enxergo a igreja de forma fechada, pra mim nunca teve isso de reprimir uma pessoa por ela ser gay, nós vivemos em comunidade e aprendemos a conviver com os outros. Eles me ajudaram no engajamento além de ir à missa, participar da catequese, de pegar todos os sacramentos. Então, me mostraram um catolicismo além disso, em ter consciência ambiental e social. (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O jornalista do Correio Popular destaca a influência familiar e destaca que a educação religiosa sempre foi um enfoque durante seu crescimento. De acordo com ele, sua mãe trabalhava bastante e colocava os filhos para fazer atividades na igreja.

Nós fazíamos vídeo, gravávamos áudio. Depois de um tempo, eu já estava com uns vinte anos, tentei prestar vestibular para Biologia e Biomedicina, porém não passei, e então minha mãe falou que era melhor eu fazer algo que estava inserida no meio. Nisso, eu despertei pra o Jornalismo e deu certo. Logo no primeiro dia de aula eu me identifiquei muito, principalmente quando a professora disse que no Jornalismo, o respeito ao próximo é fundamental, que devemos nos despir de todos os preconceitos e que era necessário ter a sensibilidade com o outro. Eu pensei comigo: essa área é a que eu vou vivenciar e logo me identifiquei. Eu já fazia projetos de comunicação, porém, ainda não tinha me encontrado. (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O testemunho do Jornalista 1 entra em consonância com o posicionamento de Travancas (1993) que cita a imagem mitológica do jornalismo, capaz de atrair jovens para o curso. De acordo com a autora o jornalista surge como o herói urbano do século XX. Isso, quando a mesma faz uma analogia do filme no qual Clark Kent, o Superhomem - é jornalista.

O jornalista 6 também teve sua principal influência na escolha da profissão durante o período escolar.

Na época, o grupo que eu pertencia ficou com o curso de Jornalismo. Era em 2007, então o curso tinha chegado na cidade em 2006, no projeto de expansão para o interior. Como na época podia fazer vários vestibulares, eu fiz tanto o

vestibular tradicional, como o PSG (programa de vestibular parcelado da UFMA), nos dois eu optei por Jornalismo e acabei passando na duas vagas, as duas na UFMA, Jornalismo. Se fosse para escolher outra opção seria Psicologia. (JORNALISTA 6, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O Jornalista 7, da Mirante, teve como principal influência a produção comunicacional, especificadamente trabalhou como operador de rádio. Saiu de Montes Altos (MA), sua cidade natal, para Imperatriz com o intuito de trabalhar na rádio Imperatriz, desde criança tinha esse desejo. Para ele, o jornalismo foi uma consequência do que já fazia. Primeiro trabalhou na área como operador de rádio e depois fez a faculdade. Outro ponto a se destacar neste levantamento é o sonho pelo curso, já que na sua totalidade os entrevistados ponderaram que tiveram de convencer seus familiares sobre a importância de chegar à educação superior.

“Um sonho. Sonho de criança. Se eu não tivesse feito, mesmo que eu quebrasse a cara, mas era o que eu queria. Tanto que tentei outra formação, mas não tive paciência, porque meu pai queria que eu fizesse Direito, mas não quis” (JORNALISTA 4, informação verbal, 2019).

Ele justifica a escolha dizendo que desde a adolescência gostava de escrever e de se comunicar, reforçando a imagem funcionalista da profissão, definida por Pereira (2018), no qual entende o profissional como detentor das habilidades técnicas da área do jornalismo e possuidor de conhecimento para atuar na produção de notícias.

5.2 VISÃO SOBRE SUA FORMAÇÃO

A análise das respostas deste eixo, mostra que grande parte dos entrevistados aponta uma distância entre a academia e o mercado. Sobre este, citamos o Jornalista 6, da TV Difusora, que ressalta como a principal dificuldade ter de trabalhar enquanto estudava. De origem simples, ele e seus irmãos tinham que ajudar no sustento da família, porém, a busca pelo emprego sempre o motivou a continuar os estudos, no intuito de conseguir o diploma e poder exercer a profissão.

O profissional pontua que a teoria ensinada na universidade não abrange a realidade do mercado da comunicação da cidade. Segundo o Jornalista 6, essa realidade pode decair com as

pesquisas feitas pelos estudantes da UFMA que abordam e fazem o mapeamento dos jornalistas de Imperatriz.

[...] Acredito que tudo que aprendemos na academia conseguimos refletir no mercado e se olharmos as outras empresas vemos alunos e ex-alunos da UFMA. Vejo que o próprio mercado está absorvendo esses alunos, mas o que aprendemos na academia é muito teórico. A prática é outra realidade. (JORNALISTA 6, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O Jornalista 5 segue o mesmo pensamento, ele conta que a formação no curso é vista como um diferencial, “porque enquanto as pessoas chegavam com suposições eu podia chegar com a técnica. A experiência junto com o conhecimento científico te faz se destacar” (JORNALISTA 5, informação verbal, 2019). Para ele, ter o “*feeling*” é importante, porém o que se sobressai é saber escrever, questionar e argumentar. Ele ainda comenta que a sua passagem pela graduação foi dolorosa, por alguns momentos pensou em desistir, mas a convivência com os amigos e os professores o motivaram a permanecer no curso. Ao mesmo tempo em que sonhava desde criança em ser jornalista, o Jornalista 4, por pouco não desistiu do curso, com as reprovações que teve foi perdendo seu desempenho e motivação para continuar.

Distinto do pensamento dos outros dois jornalistas, o Jornalista 4 aponta que pouquíssimo do que é aprendido na academia é colocado em prática no mercado de trabalho. Segundo o jornalista da Câmara Municipal, em relação ao trabalho de assessoria, o curso fica para trás por abordar apenas a teoria. Ainda afirma que apenas as disciplinas de Gêneros Jornalísticos e as Técnicas de Entrevista são possíveis se ver na prática.

É uma coisa que eu estava comentando esses dias. Pouca coisa, pouquíssima coisa foi aplicada. Vou colocar o Correio como exemplo que é algo mais árduo. Tem a questão dos textos que se aplicou muito na redação e gêneros jornalísticos, e as técnicas de entrevistas, eu consegui ver a teoria na prática. Agora, na minha área, assessoria, isso não ocorreu. Acredito que o curso de jornalismo está muito na teoria, e eu acho que deveria ter mais a prática, mas ela não é numa sala de aula, é vivenciar mesmo porque é diferente demais. (JORNALISTA 4, informação verbal, 2019).

Para os jornalistas 1 e 3, o conhecimento acadêmico indiscutivelmente se aplica ao mercado de trabalho. Formado em 2017, o Jornalista 3 lembra de não ter tido dificuldades ou desafios que o fizesse pensar em desistir do curso, ele conta que apenas teve um “baque” quando teve conhecimento sobre o baixo salário e a precariedade de trabalho de Imperatriz. Seguindo a óptica do interacionismo, entende-se o diploma como um dos desafios do processo de

profissionalização dos jornalistas. A discussão acerca do diploma para exercer o jornalismo é exemplificada nas palavras do Jornalista 2. “Você chega no mercado com pessoas que não são formadas em jornalismo, passei muito por isso, fui a primeira mulher formada da UFMA a trabalhar na imprensa de Imperatriz”. (informação verbal, 2019)

Isso corrobora o levantamento feito pela Fenaj (2012) sobre a existência de jornalistas sem graduação que se auto definem profissionais do jornalismo. No entendimento da Jornalista 2, a formação impacta em diversos setores que vão da responsabilidade social a questões éticas.

Tem certos momentos que o conhecimento acadêmico vale mais do que trinta anos no mercado de trabalho. Quando você tem a base científica tem mais respaldo, as pessoas veem que você estudou pra aquilo. Na UFMA, nós temos a prática boa, bons equipamentos e corpo docente. (JORNALISTA 3, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O testemunho do profissional acima comprova o êxito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na capacidade de fazer os docentes refletir sobre a prática jornalística, mesmo após anos de formação.

5.3 ORGANIZAÇÃO DA CARREIRA

Este eixo contempla a interpretação das mudanças ocorridas diariamente na comunicação, determinadas pela evolução tecnológica. O estudioso Schwingel (2015), determina que a maior obrigação atual do jornalista é a de conhecer e dominar tecnologias de *design*, programação e aplicativos. Por conta dessa discussão, é comum a busca por programas como os de pós-graduação, para especialização e atualização de saberes que abrangem a comunicação conectada aos avanços tecnológicos na comunicação.

Com isso, a análise das respostas leva ao entendimento de que poucos jornalistas são organizados em relação à carreira sob justificativa de tempo, comprometimento e despretenção, mesmo que compreendam a importância de estar atualizado. Quando se fala em empreendedorismo, apenas um entre os sete jornalistas possui seu próprio empreendimento. Dois jornalistas afirmam não ter conhecimento acerca do empreendedorismo e apontam a deficiência como fator da ausência de disciplinas na grade do curso de Comunicação Social que abrange o tema.

Ainda que o número de jornalistas, levantados nesta pesquisa, com pós-graduação (lato sensu) seja baixo, todos entendem a importância e desejam fazer uma especialização ou mestrado.

Eu pretendia fazer especialização no ano passado e acabei ficando grávida, tendo um filho. Mas, sempre participo de palestra, procuro acompanhar o mercado. Se eu não tivesse me reinventado desde quando terminei o curso, em 2016, já estava fora. Pretendo fazer especialização em breve. (JORNALISTA 7, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019)

O jornalista 2 relata que a rotina “puxada” dificulta essa atualização, principalmente pelo acúmulo de funções. De acordo com ele “o jornalista deveria trabalhar cinco horas, mas eu trabalho mais, pois tenho acúmulo de função, além de atributos sociais, como o que desenvolvo na igreja, na casa, como mãe, esposa e filha” (JORNALISTA 2, Informação verbal, 2019).

Em relação à atualização, o profissional da TV Difusora é o que mais se sobressai entre os que estão em programas de pós-graduação. Ele é pós-graduado em Gestão Pública pela UFMA à distância, pós-graduando em Assessoria de Comunicação também pela Universidade Federal do Maranhão e também fez disciplina no mestrado como aluno especial. Ele aborda sobre sua preocupação com o futuro. Para ele, é sempre importante estar com o currículo atualizado. Para o J6, “independente das mudanças, por sermos jornalistas e estarmos no mercado (é importante se atualizar), eu gosto muito de estar na academia” (JORNALISTA 6, informação verbal, 2019).

O Jornalista da Sinfra (Jornalista 5, informação verbal, 2019) ressalta que o marketing pessoal é uma forma de se “esbanjar”, e que procura compartilhar o seu trabalho o mínimo possível, pois deseja que as pessoas o conheçam pela profissão. O Jornalista 6 aponta a ausência de marketing pessoal como respeito e comprometimento com a TV Difusora. “Também penso na questão ética que enquanto você tem o empreendimento pode ferir os valores da empresa” (JORNALISTA 6, informação verbal, 2019). O Jornalista 7, possui um blog de notícias que além de ser um empreendimento, também serve para ele como instrumento para marketing pessoal.

O que me motivava (no jornalismo) foi a área cultural, entretenimento. Então, criei um blog. Mas, você não consegue se manter motivado se não tiver dinheiro, e eu corri atrás disso. Um pessoal de São Luís (capital do Maranhão) me notou, fez uma seleção com o pessoal da UFMA, e eu fiquei. Então, desativei o blog. Quando fui para o portal Imirante (da afiliada da Globo), abandonei o blog, depois quis voltar, perdi muitos seguidores, hoje tenho 3

mil visualizações por dia, antes eu tinha 7 mil. (JORNALISTA 7, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Em relação a ter um empreendimento próprio, jornalistas como o J1, J2, J3 afirmam ter essa vontade.

Sim, tenho esse desejo de empreender, fazer algo legal, não sei como é isso e se é possível. No momento, estou aprendendo para depois colocar em prática o que eu penso. Penso em falar das questões políticas e sociais da região. Além disso, penso em ser professora universitária. (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O Jornalista 2 também tem em comum com o J1 o desejo em criar um empreendimento, porém, assim como o outro jornalista, ele admite não ter o conhecimento necessário e aponta esse pensamento como resultado de uma deficiência na grade curricular da UFMA, no período em que cursava.

Acho que a faculdade deveria nos preparar melhor pra empreender, poderia ter uma cadeira pra te ensinar a administrar. Acho que faltou um pouco isso na nossa formação. (JORNALISTA 2, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Já o Jornalista 3, vê o empreendimento próprio como uma forma de evoluir profissionalmente, já que de acordo com ele, o mercado da comunicação é fechado. Para o Jornalista 5, empreender é uma forma de sobreviver do jornalismo em Imperatriz, determinado de acordo com ele pela dificuldade em encontrar emprego.

A gente vê no atual momento de crise que não está fácil conseguir emprego, principalmente na área do jornalismo. Imperatriz é uma cidade limitada pra nossa profissão, temos pessoas que já fazem parte da mídia nacional e geralmente não há um espaço ampliado, ou você toma lugar de alguém ou aquela pessoa fica o resto da vida lá. Empreender é uma boa forma pra sobreviver do jornalismo aqui em Imperatriz. (JORNALISTA 5, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Para o Jornalista 6, da TV Difusora, o mercado do empreendedorismo e as empresas de comunicação que fazem parte dele, necessitam de mais profissionalização para os jornalistas poderem “arranjar-se”. Este “arranjar-se” é na verdade a maneira de encontrar uma forma de sobrevivência na profissão, uma alternativa profissional e cidadã que os grandes conglomerados de mídia não podem oferecer (FIGARO, 2018).

Têm geralmente um emprego como *freelancer* ou mesmo fixo para obter ganhos para a sobrevivência; e, depois dessa jornada, há o trabalho no “arranjo”, o trabalho que completa e satisfaz, o trabalho que alimenta o ser

social, mas também faz sofrer porque não se tem tempo e condições para a dedicação adequada e com qualidade. Sustentam, portanto, sua ação jornalística no arranjo com outro trabalho, em atividades de cursos, palestras, *freelancer* no jornalismo para outros eventos, assessorias, etc. (FIGARO, 2018, p. 226)

5.4 ASSOCIATIVISMO E O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO

Para os jornalistas dessa pesquisa, o papel social do jornalismo é a responsabilidade social em dar voz para a população mais carente ou que necessita de que seus problemas sejam reconhecidos e resolvidos. Esse comprometimento ocorre por meio da utilização dessas pessoas como fontes de matérias de pautas sociais, e principalmente tendo um espaço no jornal e na linha editorial para isso. Outro papel social do jornalismo é o de informar com total responsabilidade com a verdade, valor aprendido durante a formação acadêmica: checagem e apuração dos fatos e fontes. De acordo com os agentes, tais mecanismos servem como forma de evitar a propagação de *Fake News*.

É possível perceber no diálogo com os jornalistas, o cansaço e a desmotivação quando o assunto é a sindicalização, isso ressalta a fala de Ardghini (2005) de que os jornalistas se encontram cansados e buscam apenas serem profissionais, respeitados em seus direitos no mercado de trabalho da informação.

Pretendo criar uma empresa, ainda não sei se vai ser de TV. Empreendedorismo mais diferenciado, pois onde eu trabalho eles são muito dependentes, um mês trabalham só com a publicação de material de assessoria e outro mês apenas com a atualização do site. Pretendo, fazer um jornalismo independente, mais social. Percebo que tem pessoas que atuam em algo que desfavorece seu dom. Eu estou desanimada pelas limitações impostas pelo meu trabalho. (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Sobre a valorização da profissão o jornalista 1 ressalta:

Aqui em Imperatriz não é muito valorizado, você se forma e tem que pensar além. Conheço pessoas que recebem menos de um salário mínimo para trabalhar como repórter. É tudo muito complicado, não sei se é em função do sindicato não funcionar direito. (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Esse posicionamento determina a não afiliação dos sete jornalistas a qualquer sindicato da cidade. O Jornalista 2 da TV Mirante, detalha de forma incisiva a causa dessa desconfiança quando foi questionado “Conhece alguma associação, sindicato, ou outra organização jornalística?”

Sim, o Sindicato dos Jornalistas. Eu era afiliada mas não sou mais, fiquei de 2013 a 2016. Saí por estar insatisfeita, por eles não estarem atendendo as necessidades dos jornalistas, não tinham força para lutar pelos nossos direitos. Então, eu não iriar pagar algo que não dá retorno. O sindicato não tem peso pra lutar pelos nossos direitos, infelizmente. A gente tem ação na Justiça do trabalho com relação aos nossos reajustes anuais, é um direito nosso, mas a Justiça nem julga e não faz nada. (JORNALISTA 2, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O jornalista vivenciou a greve feita em 2017 pelos funcionários da TV Mirante, afiliada da Globo, em busca do reajuste salarial, o movimento contou com o apoio do Sindicato dos Jornalistas e Radialistas de Imperatriz (Sindijor). Entretanto, o sindicato não foi capaz de proteger os grevistas, resultando em demissões. Por conta do sentimento de insatisfação pessoal diante desse acontecimento, o jornalista da TV Mirante decidiu encerrar sua ligação com a entidade sindical. O profissional também aponta algumas deficiências dentro do jornalismo, causadas pelos monopólios.

Falta mais fiscalização dos órgãos competentes, os grupos de mídias, os grandes conglomerados são de grupos políticos. Então, não dá em nada na justiça, acho que falta além de nos unirmos como jornalistas, maior participação enquanto jornalistas para pensar em possibilidades. Não posso falar de outras questões pois estaria ferindo o compromisso que tenho aqui com a empresa (JORNALISTA 2, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Os Jornalistas 1 e 3 também possuem o mesmo posicionamento de não se filiar aos sindicatos de Imperatriz, com a mesma justificativa: falta de atuação do órgão. O Jornalista 4 (informação verbal, 2019) traz para discussão outro problema: a desarticulação dos jornalistas, “eu acho que se a gente juntasse mais, conversasse mais, tentasse ter um sindicato que trouxesse benefícios para a categoria, seria bem melhor”. O Jornalista 5 também destaca essa desarticulação como uma das principais agentes da falta de sindicalização.

[...]Quando surgiu o debate sobre o a importância do Diploma, vimos que a classe foi capaz de se mobilizar e fazer com que o sistema político se sentisse pressionado. Mas não deu segmento, desistiu. Então, falta se articular um pouco mais. Precisamos entender que o jornalismo é o quarto poder, a gente é capaz de fazer revoluções dentro de uma sociedade (JORNALISMO 5, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O jornalista 6, da TV Difusora, apontou de forma crítica, a falta de união e apoio da própria empresa com os profissionais da TV Mirante em 2017, como um dos exemplos de desunião da classe. Assim como, o Jornalista 1.

No momento em que outra empresa fez a greve, essa empresa não se uniu, tanto que após o movimento vários funcionários foram demitidos. Vejo muita desunião, inclusive do sindicato por não resguardar o funcionário após a greve (JORNALISTA 6, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Desunidos e desarticulados. Por exemplo, tem uma pessoa que pega as matérias do site do Correio, copia e cola, coloca no site e nem cita a fonte. (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Além da desconfiança dos profissionais com os sindicatos locais, é possível perceber o quão a classe também está inerte na busca dos seus direitos. Ambos os jornalistas criticam fortemente os sindicatos, porém não apontam soluções ou qualquer movimentação em prol de seus direitos que gradualmente estão sendo desrespeitados, por meio dos reajustes salariais desvantajosos e pelas perdas de benefícios, como o plano de saúde.

Tínhamos o benefício do plano de saúde, perdemos, se analisarmos o cenário de alguns anos nós perdemos muitos benefícios e parcerias. Já chegamos a ter descontos em academia, plano empresa, permutas para cabelo e unha. Agora, cada um faz o seu plano individual. A única coisa que ainda temos são o vale alimentação e a cesta básica (JORNALISTA 6, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O jornalista 6, aponta a deficiência no Sindijor como resultado da ausência de alternância de poder, causando a precarização do ofício e consequentemente afetando os jornalistas.

Pelas pessoas que estão atuando nesses lugares, por exemplo no Sindjor, não há uma alternância de poder. Quando você vê isso, você sabe que isso precariza nosso trabalho. Se você questionar uma pessoa que trabalha para saber quantas delas possuem um colete a prova de balas, caso surja uma pauta que exija esse tipo de material, verá que ninguém tem. Uma vez uma jornalista estava fazendo uma matéria sobre um assalto na rua Dorgiva, onde pessoas foram feitas de refém dentro de uma joalheria, e ela foi conversar com o policial sem colete. Eu entendo a adrenalina jornalística mas eu tenho certeza que o sindicato poderia atuar de forma diferente para nos proteger. Então, hoje você vê profissionais tendo acúmulo de trabalho sem receber por isso e o sindicato faz alguma coisa? Não faz. Era para fazer? Era. Hoje você vê a precarização do serviço dentro do jornalismo. Por exemplo, quando eu fui trabalhar no Imirante (site da afiliada) como estagiário, eu era redator, fotógrafo. Eu acho que se as coisas fossem levadas mais à sério seriam melhor. (JORNALISTA 5, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Quando o assunto é o papel do jornalista, percebe-se que os profissionais da comunicação estão cientes da importância da atuação, seja na causa de mudanças sociais ou culturais da sociedade. O Jornalista 1 do Correio Popular é um exemplo dessa conscientização,

desde criança ele gosta de discutir sobre liberdade, respeito e diversidade. Para ele, o jornalismo é um espaço para promover essa discussão. O Jornalista 1 também destaca que a atuação no mercado de trabalho possibilitou maior proximidade com outras realidades, enaltecendo a importância da responsabilidade social.

O Jornalista 2 da TV Mirante destaca como vantagem de ser jornalista, a possibilidade de informar sobre temas importantes, como no Dia da Mulher. Ele relata que caso não atuasse como Jornalista, o dia passaria em branco e sem muita importância. Para o Jornalista, a profissão o faz repensar sobre as questões de cidadania e direitos, “você tem uma visão mais abrangente a respeito do quê que eu estou fazendo aqui, qual minha missão e função” (JORNALISTA 2, informação verbal, 2019). O profissional destaca que o valor obrigatório dos jornalistas é o compromisso com a verdade.

O Jornalista 3 também destaca o papel do jornalismo de informar as pessoas e a importância de transmitir a verdade dos fatos, com responsabilidade. Como um dos jornalistas mais engajados acerca de questões sociais, o Jornalista 5 traz o pensamento comum do papel social do jornalismo em proporcionar representatividade para a população, para isso, de acordo com ele, deve-se fazer um jornalismo que seja mais a “cara do povo”. O jornalista 6 também apresenta pensamento similar.

[...] Mesmo estando em uma empresa privada e não conseguir pautar uma notícia para resolver o problema A ou B ou C é importante tentar resolver. Enquanto jornalista, buscando uma boa apuração é provável que encontre uma brecha para pautar aquilo que é de interesse da comunidade. É isso que me motiva, saber que podemos dar voz à população, mostrar as coisas boas e os problemas. (JORNALISTA 6, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Até o momento, é confirmada a veracidade da perspectiva do Interacionismo Simbólico sobre a identidade profissional, já que a compreensão dos jornalistas acerca da formação, função, política e organização da profissão é formada pelo processo de interações que vão desde a infância até a fase adulta.

5.5 SATISFAÇÃO COM A CARREIRA

Este eixo reflete acerca das satisfações e insatisfações dos jornalistas com os aspectos da profissão escolhida. Quando se trata da satisfação com a profissão, foram elencados alguns dos motivos que estão presente no tópico anterior, como: conhecer pessoas de diferentes

situações financeiras; discutir acerca de assuntos importantes; ajudar e dar voz à população imperatrizense. Em relação as insatisfações, elenca-se o assédio sexual e a baixa remuneração. Apenas dois jornalistas estão satisfeitos financeiramente, o primeiro (jornalista 6) justifica a satisfação com base no panorama das outras empresas de comunicação da cidade e o salário dos jornalistas que atuam nela comparado ao salário da empresa em que atua, para ele a TV Difusora está na média. Entretanto, o Jornalista 7, mantém-se financeiramente por meio do lucro obtido com o blog. O jornalista do jornal Correio Popular (informação verbal, 2019) relata que está satisfeito profissionalmente, mas que financeiramente não, pois o jornal não “paga bem”. Na entrevista pré-teste, ele aponta outra insatisfação: o assédio.

Aqui o mercado desvaloriza o jornalista, isso me desmotiva. Não é raro sofrer assédio moral, assédio sexual, misoginia por ser mulher, escutar piadas desnecessárias, isso vai te desgastando como profissional, fico triste em ter que sentar ao lado de uma pessoa machista que faz comentários preconceituosos e ofensivos [...] (JORNALISTA 1, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O profissional também aborda como as situações de assédio e desrespeito durante a rotina de trabalho, dentro do jornal Correio Popular, é o principal desmotivador, “eu estou muito desanimado quando o assunto é pauta, o que aparecer eu faço, antes eu tinha aquela preocupação de entrevistar a pessoa e querer a matéria de tal forma”. O Jornalista 4 também comunga que o assédio é um grande problema que vários profissionais enfrentam no mercado.

É uma coisa constrangedora, absurda, que te deixa totalmente desconfortável e o pior é você precisar daquela fonte, e sei lá é a pior parte do jornalismo, pelo fato de ser mulher e independente de qualquer lugar o assédio é um absurdo. Tanto que na semana passada teve comemoração (atrasada) do dia das mulheres na Câmara de vereadores de Imperatriz e aconteceu um fato que me deixou totalmente constrangida que tive que ir ao banheiro chorar porque fiquei muito mal... Não tem um respeito, e acho que a gente não está assegurada nessa parte, é muito constrangedor (JORNALISTA 4, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

Entretanto, mesmo com esse empecilho, o Jornalista 4 sente-se realizado profissionalmente, relata que teve poucas dificuldades na hora de conseguir emprego. Ainda possui a vantagem em trabalhar apenas três vezes na semana na Câmara Municipal, e nos outros dias ficar disponível fazer *freelancer*. Em contrapartida, o jornalista afirma não estar realizado financeiramente. O Jornalista 7, da Mirante, é o único dos sete jornalistas que se sente realizado financeiramente, porém com o empreendimento próprio, com engajamento alto (3 mil visualizações) o negócio acaba sendo rentável financeiramente.

O Jornalista 2, também da Mirante, aponta que o jornalista é desvalorizado no mercado de comunicação de Imperatriz em comparação ao mercado de outros estados.

[...] Acho que isso é uma questão do mercado de Imperatriz, vou mais longe, é do Maranhão e de outros estados. Conheço pessoas de outros estados, e se compararmos percebemos que ganhamos bem pouco, não somos valorizados nesse sentido. Então, essa questão financeira sempre vai ser uma pedra no sapato para mim, um calo (JORNALISTA 2, INFORMAÇÃO VERBAL, 2019).

O jornalista 6 (informação verbal, 2019) da TV Difusora, compara o rendimento do seu trabalho na TV com a realidade dos jornalistas de outras emissoras da cidade, “se você observar, o mercado de Imperatriz e comparar com as outras TVs, podemos dizer que a Difusora está na média, na questão financeira e em relação ao cumprimento da carga horária”. Logo, o profissional da TV Difusora encontra-se satisfeito profissionalmente e financeiramente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo implantado em 2006, na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, chegou a formar nos doze anos de curso 216 pessoas. Esses indivíduos saíram da universidade capacitados profissionalmente para preencher o mercado de comunicação. Sabendo disso, o intuito principal desta pesquisa foi analisar e apresentar as experiências e vivências desses ex-alunos, além de apresentar quais foram os desafios encontrados por eles ao fazerem parte de um Jornalismo numa cidade interiorana. Além disso, foi possível apresentar as influências culturais, históricas e sociais que permeiam a construção da identidade profissional desses agentes.

Foram escolhidos sete jornalistas formados em diferentes períodos, e que atuam em veículos de jornal impresso, telejornal e assessoria da cidade. Tratando-se de metodologia de pesquisa, esse estudo utilizou-se de dois métodos de pesquisa, o quantitativo e o qualitativo. Por meio de entrevistas com os sete jornalistas, deparou-se com deficiências e questões importantes que permeiam o cotidiano desses indivíduos, apontadas por eles próprios.

O primeiro objetivo definido e devidamente concluído foi entender como a profissão de jornalista no interior é vista na perspectiva do próprio jornalista. De acordo com os resultados aqui apresentados, foi possível entender que os jornalistas possuem uma visão realista acerca da profissão e da sua principal função: a de informar. Entretanto, compreende-se que o seu trabalho está sendo prejudicado por problemas como a falta de sindicalização e fiscalização dos

seus direitos essenciais (plano de saúde, alimentação, transporte e segurança), baixa remuneração, carga horária excessiva, assédio e a distância entre a academia e o mercado. As discussões éticas levantadas por este trabalho, como o assédio sexual e a obrigatoriedade do diploma, bastante abordadas nas palavras dos jornalistas, foram apresentadas com o propósito de gerar mais pesquisas científicas que possam conscientizar acerca dessas realidades e até ajudar a modificar o cenário jornalístico de Imperatriz.

Assim, partindo para a próxima etapa: apreender os desafios enfrentados pelos jornalistas na cidade a partir das suas próprias palavras. Ao dar nome para esses desafios, foi possível apresentar o quão são prejudiciais, seja na vida pessoal ou na profissional dos sete jornalistas. Importante destacar que esses problemas, de certa forma graves, ainda não estão na pauta desses profissionais, pois a única solução ou subterfúgio apresentado por eles seria o empreendedorismo.

Outro objetivo elencado, compreender e apresentar como esses jornalistas se veem perante a sociedade e suas influências, ajudou no entendimento de como se forma a identidade desses profissionais. Destaca-se que a camada social onde estão inseridos: a família, religião, escola, do indivíduo teve grande influência na escolha profissional, durante o curso e na formação desses jornalistas, já que essa camada é vista por eles como o primeiro contato e interação da pessoa com a sociedade, onde este vai adquirindo referências e conceitos. Além de servir como base para seus valores morais e éticos que durante a graduação são transformados e moldados para o âmbito profissional.

Fica compreendido que a formação acadêmica e os conhecimentos adquiridos durante o processo, influenciaram e moldaram a forma como esses ex-alunos veem o mercado da comunicação de Imperatriz. Por fim, esta pesquisa tem como objetivo causar reflexão e conscientização da crise na qual se encontra o mercado, principalmente para os estudantes de jornalismo que irão enfrentar a realidade após a formação. Na questão científica, espera-se que os resultados apresentados sirvam para dar continuidade a outras pesquisas de perfil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 45-57, 2005.

ARAÚJO, Gustavo. **Comentários na Internet: Como as Assessorias de Comunicação de Imperatriz Lidam com a Plataforma**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**, Fortaleza –

CE, 2017. Disponível em:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0484-1.pdf>. Acesso em: 21 dez 2022.

BUENO, T.; Torres, J. Jornalista e escritor, Leandro Marshall explica porque o jornalismo está cada vez mais parecido com a publicidade. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 530-543, 2016.

CORRÊA, Sérgio; PESSONI, Arquimedes. **Comunicação Sindical em tempos de reforma trabalhista**. Comunicação & Informação. v. 24, 2021.

DUBAR, Claude. La sociologie des professions face à la médecine (Commentaire). **Sciences sociales et santé**, v. 17, n. 1, p. 35-39, 1999.

FENAJ. **Carteiras Nacional e Internacional**. 2018 Disponível em:

<http://fenaj.org.br/carteiras-nacional-e-internacional/>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

FIDALGO, Joaquim. **Novos desafios a um velho ofício ou... um novo ofício?** A redefinição da profissão de jornalista. Universidade do Minho, 2006.

FIGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**.

São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/E-book_FIGARO_As-relações-de-comunicação-e-as-condições-de-produção-no-trabalho-de-jornalistas-em-arranjos-econômicos-alternativos-às-corporações-de-mídia-2.pdf . Acesso em: 29 jul. 2021.

IMPERATRIZ (MA). Prefeitura. 2013. Disponível em: <http://www.imperatriz.ma.gov.br>. Acesso em: 01 jul. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em: 10 de dez. 2022.

PEREIRA, Fábio Henrique. Objetivação e triangulação metodológica em entrevistas de pesquisa com jornalistas: Análise de uma carreira profissional. **Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 47-68, 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos**. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 2, p. 217-235, 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SANTOS, Carlos José Giudice dos. **Tipos de pesquisa**. [2012]. Disponível em:

http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/METODOL/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF
F. Acesso em: 10 de abril de 2022.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. 2. ed. São Paulo: PAULINAS, 2015.

SETTON, Maria da Graça J. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos CERU**, v.19, n. 2, p. 15-25, 2008.

SILVA, Vanessa de Paula de M. S. **Quem Somos?** Perfil do formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Imperatriz. Monografia (Monografia em comunicação social com habilitação em jornalismo) - UFMA. Imperatriz, p. 63-70. 2017.

SJPDF, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal. **Você sabe o que faz um sindicato? Você sabe a importância de se unir ao seu sindicato?** 2017. Disponível em: <http://www.sjpdf.org.br/noticias-teste/3283-voce-sabe-o-que-faz-um-sindicato-voce-sabe-a-importancia-de-se-unir-ao-seu-sindicato>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

SOUSA, Letícia Holanda de. Mídia local: panorama dos veículos de comunicação de Imperatriz- MA. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11, 2018, São Paulo. **Anais [...]**, FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo, 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: INSULAR, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1993.

TOSTE, Verônica. **Mulheres no jornalismo**. 2017. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

UFMA, COORDENAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO. **Projeto político pedagógico curso de Comunicação Social habilitação Jornalismo Campus de Imperatriz – Ma**. 2005, São Luís.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Revista de Ciência da Educação**, v. 28, n. 101, p. 1287- 1302, 2007.